

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 1

DA ESCOLA AO MERCADO DE TRABALHO



Gisela Lobo B. P. Tartuce: escola e trabalho aparecem como referência central das preocupações e interesses da juventude.



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 2

A luta por uma colocação no mercado de trabalho está, cada vez mais, atrelada a um maior grau de escolaridade dos jovens. As exigências crescentes das empresas tornam desleal a concorrência por uma vaga. A pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, Gisela Lobo B. P. Tartuce, investigou este tema e remata conclusões sobre a relação entre escola, profissionalização e trabalho. “A passagem da escola ao trabalho depende não apenas das capacidades individuais, mas também do modo como se organizam os mercados de trabalho e os sistemas educacionais em diferentes sociedades”, afirma.

FOLHA DIRIGIDA – Qual a relação entre escola, profissionalização e trabalho?

GISELA TARTUCE – De uma perspectiva histórica muito geral, pode-se dizer que, antes da era moderna, o trabalho não era apenas uma atividade econômica divorciada de outras esferas da vida social, como a família, a comunidade, o lazer. Nesse contexto, não se preparava o homem para o trabalho; ele aprendia no próprio trabalho. Com a intensificação da divisão social e técnica do trabalho, acarretada pela revolução industrial, passa-se para um sistema de educação e de formação profissional que deveria preparar e socializar o indivíduo para o trabalho. É aqui, portanto, que a questão sobre a profissionalização se coloca. Mas, a passagem da escola ao trabalho dependeria não apenas das capacidades individuais, mas também do modo como se organizam os sistemas educacionais em contextos sociais distintos. Assim, os vínculos entre escola e trabalho, expressos em diferentes sistemas educativos, podem ser mais fortes ou mais fracos conforme as sociedades: por exemplo, sabe-se que o ensino técnico é altamente valorizado na Alemanha, o que já não ocorre na França e também no Brasil, onde há uma preferência social pelo ensino geral e uma desvalorização das formações profissionais, o que se reflete em uma forte hierarquia de postos de trabalho e em uma descontinuidade entre empregos de concepção e de execução.

FOLHA DIRIGIDA – Como as mudanças socioeconômicas das últimas décadas influenciam essa relação?

GISELA TARTUCE – A flexibilização dos processos de trabalho estaria demandando não apenas conhecimentos técnicos, formais e explícitos, mas também amplas habilidades



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 3

cognitivas e comportamentais, tais como capacidade de abstração e de domínio de símbolos, iniciativa, responsabilidade, trabalho em equipe, etc.; em uma palavra, não mais um trabalhador especializado, mas sim polivalente, para lidar com tarefas cada vez mais abstratas, complexas e imprevisíveis. Mas, se essas transformações apontam para a possibilidade de uma formação mais abrangente, elas ocorrem em um contexto marcado pela contínua segmentação do mercado de trabalho: ao lado de um trabalho mais estável, no qual há implicação do sujeito, assistimos hoje a uma flexibilização dos laços empregatícios, com aumento das formas de trabalho precário e do desemprego. Essa diversidade impossibilita, assim, uma universalização das implicações desse processo para a vida das pessoas.

FOLHA DIRIGIDA – E no Brasil, quais são os impactos dessas transformações?

GISELA TARTUCE – Aqui, a revalorização da educação como fator central para o crescimento econômico do país e para o desenvolvimento pessoal e profissional dos indivíduos também influenciou a reformulação dos sistemas de ensino. Seguindo a tendência mundial, as reformas educacionais foram idealizadas visando à formação do novo “cidadão competente” para viver em um contexto adverso. Em linhas gerais, elas significaram a passagem de um sistema de ensino centrado nos saberes disciplinares para um sistema de aprendizagem centrado no aluno, ator de seu percurso escolar, e nas suas competências verificáveis em situações e tarefas específicas. Se o foco na noção de “competência” traz o risco de se valorizar o pragmatismo em detrimento do espaço para a discussão e o pensamento livre, também não se pode afirmar tão categoricamente que a ênfase na aquisição de competências seja, em si, prejudicial à nova geração de jovens, simplesmente porque eles precisam agir diante da realidade que lhes é apresentada. Mas, aqui é preciso ressaltar qual é essa realidade no Brasil: um país cujo mercado de trabalho é historicamente heterogêneo e flexível, marcado por intensas transições entre situações ocupacionais e onde há pouca valorização de um mercado de trabalho interno às empresas – o que possibilitaria certa previsibilidade e estabilidade das carreiras e benefícios.

FOLHA DIRIGIDA – Como os crescentes níveis de escolarização afetam a transição da escola ao trabalho?

GISELA TARTUCE – De fato, as reformas da década de 90 consolidaram a universalização do ensino fundamental e expandiram significativamente o acesso ao nível



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 4

médio. Isso, porém, não tem facilitado a inserção de jovens no mercado de trabalho. Os dados da pesquisa do “Perfil da Juventude Brasileira” – pesquisa amostral representativa realizada pela Fundação Perseu Abramo em 2003 – revelam que, dos 100% de jovens de 15 a 24 anos que estavam trabalhando neste ano, a maior parte (52%) tinha até o ensino médio; mas, entre os desempregados, a maioria (54%) também havia chegado até esse nível de ensino. Quais são as razões para esse descompasso entre escola e trabalho? Em primeiro lugar, a referida expansão do sistema se fez em detrimento da qualidade do ensino. Além disso, a passagem da escola ao trabalho nem sempre é facilitada com a conclusão do ensino médio, pois, no modelo generalista que parece vigorar no Brasil, as credenciais escolares são sempre vistas como insuficientes. A estrutura do mercado de trabalho brasileiro também contribui para que o risco de cair ou permanecer no desemprego ou na inatividade se intensifique. Finalmente, é preciso mencionar o fato de que a transição da escola ao trabalho não depende apenas das características de tipo aquisitivo (a formação escolar), mas é igualmente influenciada por princípios assentados em qualidades adscritas (tais como sexo, cor, idade etc.) que fixam barreiras de acesso e/ou de mobilidade profissional.

FOLHA DIRIGIDA – Quais são atualmente as expectativas dos jovens em relação à escola e ao trabalho?

GISELA TARTUCE – Os dados da pesquisa do “Perfil da Juventude Brasileira” mostram que a escola e o trabalho aparecem como referência central das preocupações e interesses da juventude, mas os relatos vêm muito atrelados ao medo do desemprego. Além disso, no Brasil, onde os jovens ingressam no trabalho com idade muito precoce, a passagem da escola ao trabalho deve ser pensada em termos de (in)tensas e reversíveis trajetórias ocupacionais, que se superpõem às também descontínuas trajetórias escolares. De todo modo, as pesquisas têm mostrado que os jovens acreditam que a contínua formação lhes trará um trabalho mais qualificado no futuro. Assim, dado o seu interesse pelos temas da educação e do trabalho, não se pode dizer que eles só se preocupam com o presente, o que contraria a visão ultimamente dominante de uma juventude apática, preocupada apenas com o consumo. ✕

Entrevista concedida à FOLHA DIRIGIDA,
em outubro de 2006, à Ana Paula Novaes.